

**QUESTÃO INDÍGENA** Armados por narcotraficantes do Polígono da Maconha, grupo da etnia truká leva violência às aldeias

# Índios viram seguranças do tráfico em PE

KÁTIA BRASIL  
DA AGÊNCIA FOLHA, EM MANAUS

Narcotraficantes do chamado Polígono da Maconha, em Pernambuco, armaram um grupo de índios da etnia truká, que por sua vez se tornou traficante de drogas, levando violência às aldeias localizadas na Ilha de Assunção, no município de Cabrobó (586 km de Recife).

Os índios traficantes são os responsáveis pela segurança das lavouras ilegais de maconha situa-

das em ilhotas de difícil acesso do arquipélago, banhado pelo rio São Francisco.

No grupo de índios traficantes, a Polícia Federal já identificou pelos menos dois líderes da organização criminosa.

Segundo o cacique truká Ailson dos Santos, nos últimos três anos, mais de seis índios contrários à ação do tráfico dentro da reserva —sendo dois no último dia 29— foram mortos em represálias.

Considerando não-índios, o número de mortes na região por

causa do tráfico chega a cem, de acordo com o cacique.

Por falta de segurança, diz o líder indígena, crianças deixam de ir às escolas em períodos crise.

“O grupo de índios está fortemente armado com fuzis, pistolas. Eles têm até armas roubadas da Polícia Militar”, afirma o cacique, que se diz ameaçado de morte (leia texto nesse página).

## Fuga da cadeia

De acordo com o superintendente da Polícia Federal de Per-

nambuco, Wilson Damázio, o índio truká Carlos Jardiel é considerado traficante de alta periculosidade e está foragido da polícia.

“O Jardiel é um dos traficantes mais procurados na região”, disse o superintendente da PF.

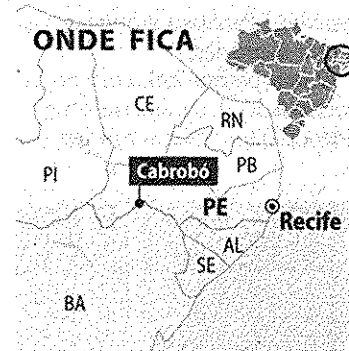
Em 2002, segundo a polícia, o índio foi preso com 86 kg de maconha, mas conseguiu fugir da cadeia pública de Cabrobó.

“Ele foi resgatado no segundo semestre da cadeia por um grupo de índios do grupo. Eles levaram algumas armas, até fuzis da PM. Recuperamos numa operação de desarmamento algumas armas, mas outras [ele não soube precisar quantas] ainda estão em poder deles”, disse Damázio.

## Buscas na reserva

Na última semana, a PF fez buscas na reserva atrás de pistas dos assassinos dos irmãos João Batista e Antônio Roberto Gomes Rodrigues —os dois índios trukás mortos no sábado retrasado.

João e Antônio foram mortos a tiros de fuzis e pistolas numa emboscada. Os autores do crime não foram localizados pela polícia.



res]. Quem está dentro da reserva é refém de um esquema maior, que tem conexão, inclusive, com o Comando Vermelho. Os índios são escravos da droga”, afirmou Feitoza.

## Posição da Funai

A Funai (Fundação Nacional do Índio, órgão responsável no governo federal por estabelecer e executar a política indigenista no Brasil) anunciou que vai orientar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva a introduzir uma política de segurança pública de combate ao narcotráfico nas aldeias.

O órgão diz ter constatado infiltrações do crime organizado, além da reserva truká, nas áreas atikum e pankararú, situadas também em Cabrobó.

“Temos que agir com rapidez, antes que a situação ganhe proporção semelhante à de periferias das grandes cidades, envolvendo um componente étnico. Não podemos deixar [os índios] à mercê desse tipo de infiltrações [do narcotráfico], que representa um perigo extremo”, disse o presidente da Funai, Eduardo Almeida.

Documentação

Fonte: (assinatura)

Data: 6/4/2003 Pg. 112

Class: (assinatura)

# 'Defunto do tráfico', cacique diz que terror na aldeia lembra o Rio

DA AGÊNCIA FOLHA, EM MANAUS

O cacique truká Ailson dos Santos, 42, diz que o terror que o narcotráfico levou à reserva indígena é tão crítico quanta às cenas de atentados de traficantes no Rio de Janeiro que ele vê pela televisão.

Na última quarta-feira, o cacique conversou por telefone celular com a Agência Folha.

Dizendo-se ameaçado de morte, não quis revelar sua exata localização. "Sou mais que um refém do narcotráfico, sou um defunto do tráfico. Corro o risco de ser abatido a qualquer momento."

Nos anos 70, Santos saiu de sua aldeia para estudar num internato da Igreja Católica em São José dos Campos (interior de SP).

O cacique estudou até o segundo grau e voltou à reserva truká com planos de transformar o lugar num modelo de desenvolvimento sustentável.

O que ele vê agora é só violência. "Nossos costumes e tradições têm sido interrompidos por falta de segurança. Quando o conflito se acirra, nossas crianças não frequentam a escola, tememos retaliações". Leia a seguir os principais trechos da entrevista:

★

**Agência Folha - Como os narcotraficantes se infiltraram na reserva truká?**

**Ailson dos Santos** - Um grupo de criminosos comuns da cidade [Cabrobó], que inclui traficantes, assaltantes de carro-forte, homi-

cidas, passou a se esconder da polícia dentro da reserva.

Há três anos, eles passaram a armar um grupo de índios para tomar conta das plantações localizadas nas pequenas ilhas do arquipélago. Uns 20 índios trukás estão hoje fortemente armados. Até com fuzis, que eles roubaram da Polícia Militar.

**Agência Folha - Para os trukás, esses índios são traficantes também?**

**Santos** - Sim. Alguns já são fugitivos da cadeia pública de Cabrobó. O índio Carlos Jardiel foi preso pela Polícia Federal com 86 kg de maconha no ano passado.

Não ficou preso nem três meses. Ele foi resgatado da cadeia numa operação conduzida pelos próprios indígenas liderados por Edgar de Nô, que é também truká.

**Agência Folha - Como os trukás enfrentam esse problema?**

**Santos** - Nós que somos contra denunciemos à Justiça, à Polícia Federal, que vem aqui fazer operações, mas não resolve o problema. Nesse período de três anos, eles mataram a mulher [ele não soube dizer o nome dela] de Ednaldo de Nô, irmão de Edgar.

Ela descobriu que eles eram envolvidos com o narcotráfico e não queria conviver com aquelas ações. Eles [o grupo de índios traficantes] já mataram policiais militares e outros seis indígenas, tudo em represália.

**Agência Folha - Por que mataram os irmãos João Batista e Antônio Roberto Gomes Rodrigues?**

**Santos** - Porque eles eram contra o narcotráfico. Destruíram plantações de maconha, denunciavam. Os traficantes passaram a se incomodar muito e fizeram uma emboscada.

Eu estou ameaçado de morte e vivo escondido. Quando vou à cidade, preciso pedir escolta policial. Sou mais que um refém do narcotráfico, sou um defunto do tráfico. Corro o risco de ser abatido a qualquer momento.

**Agência Folha - Quais são as consequências do narcotráfico nas tradições e costumes do povo truká?**

**Santos** - Nossos costumes e tradições têm sido interrompidos por falta de segurança.

As nossas crianças não frequentam a escola diariamente por medo de retaliações. Alguns menores foram aliciados para vigiar as plantações e também se viciaram.

**Agência Folha - Na sua opinião, que tipo de ação de combate ao narcotráfico deveria ser conduzida pela polícia na reserva truká?**

**Santos** - Só a repressão não resolve. Ela é necessária, mas é importante que o governo federal invista mais no desenvolvimento social do povo truká.

O governo tem esquecido as áreas indígenas implicadas com o narcotráfico. A gente vê a Polícia Federal desequipada, sem armas, aeronaves e embarcações para combater [o tráfico].

Quando chega na reserva é só para juntar os corpos. Nessa guerra, entre indígenas e brancos já morreram mais de cem.